

Conclusão

O exame do imaginário sobre o Brasil que efetuamos, aqui, combinou várias perspectivas teóricas as quais, no decorrer deste estudo, se mostraram complementares. Nossa opção foi a de propor um trajeto que entrecruzasse um número variado de concepções sobre o imaginário — tema tão melindroso —, a fim de expandir a compreensão sobre o mesmo, sem que isto redundasse num vazio, num tema do qual nada se pudesse auferir.

Castoriadis nos propiciou sua visão da sociedade como uma criação, *a priori*, indeterminada. Para ele, a busca dos motivos determinantes da criação é ilusória ao final, visto que a razão, mãe do determinismo, é uma criação humana e seu percurso é labiríntico. Seu pensamento defende a idéia de que só a capacidade permanente de instituir-se pode salvar a sociedade do engano e da manipulação. Ele vislumbrou por um lado, a existência do imaginário radical, como criação *ex nihilo*. Por outro, observou que a sociedade se institui num embate entre o imaginário instituído e o instituinte, onde sem dúvidas existem determinações, pois todo confronto se dá em condições determinadas. Foi nestas circunstâncias que decidimos confrontar o imaginário instituído dentro da sociedade brasileira com o imaginário instituinte que o argentino projeta sobre o Brasil.

O Estádio do Espelho, de Lacan, nos abriu a perspectiva especular que preside à formação do Eu, acrescentando a isto a importância do ponto de vista exterior — o da mãe —, de uma imagem atrelada a um discurso alheio e, também, a projeção de um desejo, condicionado por uma desconfortável sensação de incompletude, causada pela impossibilidade de se coordenar. Trata-se, portanto, da formação do Eu através do imaginário.

Com base nesta estrutura, extrapolamos o modelo, a fim de comparar o corpo infantil, — sentido como descoordenado, despedaçado, — com o “corpo despedaçado” da nação antes de consolidar-se como país independente. Assinalamos a importância da literatura neste contexto, como instância provedora de imagens e sentidos “completos”, onde as “recém nascidas” nações latino-americanas podiam se espelhar, a fim de forjar suas identidades nacionais.

Passamos, então, a avaliar a criação literária, com W. Iser, como meio que permite formar a plasticidade humana, mas que ao fazê-lo, transgride o que estava determinado pela ordem instituída na realidade extratextual, convertendo-se em espelho do homem, que sempre tenta superar a si mesmo. Está superação se dá, na arte, através dos atos de fingir, e, na vida, por meio da ficcionalização da sociedade, que é sua capacidade de superar um determinado estado de coisa, através da construção guiada pelo imaginário.

Edgar Morin expandiu estes enfoques com a concepção das participações afetivas do “homem imaginário”, que é sua visão subjetiva, sempre envolvida nos mecanismos das projeções-identificações. Para ele, todo sonho prefigura uma realidade, visto que nasce do “ser da necessidade” — do ser que se sente incompleto, diríamos —, pois, na completude, supostamente se calaria o desejo e a necessidade. Sua perspectiva atrela a criação a uma necessidade de se superar.

Como ponto em comum entre as concepções que apresentamos está a do imaginário como caminho para a superação de um determinado estado de coisa. Seja a superação de uma determinação natural, como o fato do homem não voar, que o fez criar o avião — hoje o homem voa —, ou uma determinação cultural, como a do homem atado a sua própria criação, aos papéis sociais e suas obrigações. Ou ainda, a superação do mal-estar causado pelo sucessivo recalque dos instintos na formação do Eu cultural.

No campo das projeções-identificações, das participações afetivas, o imaginário se apresenta mais suscetível às questões inconscientes, às polaridades da consciência regidas por um superego. Mas estas polaridades giram ao redor do sentimento de incompletude, forjado na consciência pelo arbítrio do superego, que determina o certo e o errado, o que deve vir à luz e o que necessita ser empurrado para o inconsciente. São nestas circunstâncias que ocorrem os fenômenos das projeções-identificações. São os momentos “mágicos” que nos fazem perder a noção de objetividade, quando passamos a ver no outro apenas o reflexo dos nossos desejos, frustrações, recalques, etc. Nesses momentos o outro se esvai, à medida que passa a ser um suporte das projeções alheias.

A razão de ter dedicado este estudo aos amigos que, por vezes, conseguem enxergar além dos espelhos e labirintos, reside na dificuldade de se assegurar a veracidade do nosso discernimento sobre pessoas e coisas. Como comentou Lacan, o

objeto imaginário e o objeto real compartilham o mesmo lugar. De qualquer modo, como resultado do processo de projeção-identificação, encontraremos a ascensão de um ou mais significantes à condição de “verdade” sobre a pessoa ou coisa que oferece suporte a esse imaginário.

As teorias que entrecruzamos, aqui, se mostraram propícias e férteis no decorrer dos dois núcleos de análise que se seguiram: as perspectivas históricas internas e a visão proveniente da Argentina.

O levantamento das visões internas teve por meta apresentar o imaginário instituído da noção da “brasilidade” para os próprios brasileiros. Para isto consideramos três momentos importantes na instituição do Brasil: O Descobrimento, a Independência e instauração da República.

Se considerarmos que o Brasil imaginário é um recorte de sua própria realidade para se instituir como representação dentro da narrativa da identidade nacional, vimos que, do mesmo modo, os narradores argentinos, também selecionaram pontos significantes de nossa cultura para constituir o seu Brasil imaginário.

Jorge Luis Borges selecionou, por um lado, parte de sua experiência em terras brasileiras, quando viu, pela primeira vez, um homem ser assassinado em Santana do Livramento, possivelmente um contrabandista. Esta experiência ganhou forma de conto, em *El muerto*. Contudo, existe igualmente uma construção imaginária do Brasil, criada a partir de uma ambigüidade, que assinalei como atração e repulsão. O Brasil se lhe afigura como infinito, assim como seus espelhos e labirintos.

Paralelamente, Borges foi o único a se servir do nome *Brasil* isoladamente, utilizando o potencial associativo que este significante suscita. O significante é a superfície da linguagem, é carente de realidade, o que permite que a projeção imaginária se faça à revelia. Com este recurso ele permite que o Brasil seja recriado a partir da imaginação de cada leitor, do seu registro imaginário.

Manuel Puig conheceu bem o Brasil. Nele pudemos observar o seu percurso, que parte da *sua* visão do paraíso e vai até sua partida do Rio de Janeiro, quando o espelho começou a se rachar e a realidade carioca se impôs a seus olhos.

A seleção dos fragmentos de realidade brasileira feita por Ricardo Piglia obedeceu a critérios bem diferentes dos que serviram a Borges e Puig. Numa leitura

superficial, poder-se-ia dizer que, em Piglia, o Brasil é algo que a Argentina não quer ser. Seu Brasil se afigura como uma desconhecida e suspeita periferia da Argentina e encontra-se associado a idéias como *negro, sexo, doença, lugar de ócio, morte, esquadrão da morte, rota de fuga, liberdade, maconha e carnaval*. Contudo, há várias possibilidades para se interpretar a construção imaginária do Outro. Para Ademir Pacelli Ferreira ¹, o outro, o estrangeiro, pode ser repellido como estranho, ou atraído como testemunha da identidade do grupo que se espelhará na sua diferença. O estranho é, assim, o limite da identidade do Eu referendado pela na pertinência grupal.

Outra interpretação, que não exclui a anterior, é a de que o outro possa ser construído através da projeção do desejo de se ver completo, como pode ser percebido não somente na canção *La alegría no es sólo brasilera*, mas também na concepção do Brasil como rota de fuga para a liberdade, para o deleite sexual, para a pseudoliberdade das drogas, para a possibilidade de se desfrutar do ócio sem culpa ou da liberdade de viajar por um país mestiço, afro-americano, onde os padrões de comportamento não são facilmente identificáveis para um estrangeiro. Contudo, a proibição a tais excessos existe. O superego cultural argentino — e também o brasileiro — deve coibir agressivamente tamanha liberdade. O dito popular “a liberdade tem limites” provém da própria boca do superego cultural. Deste modo, a presença do esquadrão da morte, da violência, das doenças ou, em uma palavra, do perigo, irá separar os dois países, estabelecendo uma fronteira que irá salvaguardar a identidade nacional argentina. Sedutor e ao mesmo tempo perigoso, assim se afigura o Brasil de Ricardo Piglia. Neste caso, o perigo deve ser entendido como uma ameaça à pseudo-unidade da identidade cultura argentina, fragilizada pelo desejo do outro.

Na seção *Dispersos*, vimos o Brasil como local de otimismo, inocência e principalmente, como local de alegria, uma rota de fuga para o mal-estar portenho, na letra de Charly García.

Não pretendemos neste estudo criar uma interpretação fechada sobre o imaginário argentino sobre o Brasil. Devemos ressaltar que exploramos apenas alguns livros de autores consagrados e alguns comentários dispersos. A investigação deste imaginário

¹ FERREIRA, Ademir Pacelli. *O migrante na rede do outro*, p. 41.

poderia se expandir muito, caso fossem tomados como objetos de análise os periódicos argentinos, as comunidades virtuais da Internet, ou ainda, a influência já perceptível do português falado no Brasil naquele país.

Vimos, igualmente, que os argentinos resgataram um imaginário antigo, oriundo dos primeiros contatos dos portugueses com a Terra de Vera Cruz: a inocência, a alegria, o paraíso tropical, entre outros.

O resultado, o desdobramento destes intercâmbios imaginários, poderá ser mais facilmente verificado ao longo das décadas que virão, no desenrolar das relações entre a Argentina e o Brasil. Entretanto, observamos uma constante no modo de representação do Brasil junto aos argentinos, que ganha a forma de um país de extremos, de um local fascinante e perigoso, perfazendo um perfil sedutor e repulsivo.

Finalmente, devemos estar conscientes de que em qualquer relação, seja entre pessoas ou grupos, onde se efetue a projeção de um imaginário estabelecido sobre uma das partes, veremos que o grupo ou indivíduo que der suporte a tais projeções sofrerá as conseqüências desta tentativa de rotulação, desta imposição de uma identidade a partir do outro.